



**HS186-A – ESTUDOS DE FAMÍLIA E GÊNERO**

**PROFA. MARIA FILOMENA GREGORI**

**1º SEMESTRE/2014**

**PROGRAMA:**

O objetivo deste curso é o de dar prosseguimento à discussão sobre os estudos de gênero – cujo impacto é inegável na teoria social contemporânea – e suas interfaces no tratamento do erotismo e da violência. Em particular, pretende-se aprofundar as leituras sobre as vertentes pós-estruturalistas das teorias de gênero e articular a elas o exame sobre determinadas teorias da violência e sobre práticas eróticas contemporâneas, em especial o sadomasoquismo.

A partir da década de 80, assistimos a proliferação da produção acadêmica sobre sexualidade e ela abarca disciplinas como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Medicina em campos teóricos variados. O curso não tem a pretensão de mapear todos esses campos disciplinares, mas examinar as abordagens relacionadas ao que podemos chamar de limites da sexualidade. Limites delimitados a partir da fronteira tênue em que se confrontam o exercício da sexualidade, no marco de sua significação como liberdade individual, e a violência, conotada como atos abusivos passíveis de condenação moral, social ou de criminalização. A maior contribuição da antropologia tem sido a de apontar que essa fronteira é montada, considerando a multiplicidade de sociedades e de culturas, por hierarquias, mas também pela negociação de sentidos e significados que resultam na expansão, limitação ou deslocamento das práticas sexuais concebidas como aceitáveis ou “normais” e aquelas que são tomadas como objeto de perseguição, discriminação, cuidados médicos ou punição criminal.

A importância dos estudos antropológicos em temas como violência e sexualidade é a de reunir uma vasta documentação e montar um repertório de práticas sócio-culturais que ajudam a contestar afirmações baseadas em categorias como essência ou natureza humana. No caso da violência, esse material traz evidências de que os atos qualificados como tal obedecem a normas ou regras, fazem parte da cultura ou mesmo que a eles correspondem determinadas funções sociais (isso quando consideramos determinadas formulações do funcionalismo clássico). Estudos recentes sobre terrorismo na Irlanda do Norte (Feldman, 1991), sobre vítimas de movimentos nacionalistas, sobretudo, mulheres na Índia (Das, 1990) ou entre sobreviventes de tortura no Sri Lanka (Daniel, 1994) trazem etnografias baseadas em uma nova antropologia do corpo que o associa às inscrições e signos de poder. Vale considerar também as teorias feministas sobre violência considerada a partir da assimetria sexual e de gênero (de Lauretis, 1997; Moore, 1994). Essas são contribuições relevantes que mostram como as ideias que temos sobre violência, sobre gênero e sobre pessoa estão relacionadas à concepção ocidental e moderna de natureza humana, que deve ser problematizada. De fato, essas pesquisas revelam a dificuldade de definir como violência os significados atribuídos em muitas e diferentes sociedades a certas práticas, mesmo aquelas em que a dor física é infligida.

O mesmo esforço de relativização está presente nos estudos que tratam da sexualidade, sobretudo os que dialogam com as noções elaboradas por Michel Foucault (1977). Esse autor



forneceu instrumentos analíticos importantes para a “desnaturalização” da sexualidade, cujo atributo de natureza foi consolidado pelos saberes normativos, entre os quais os elaborados pela sexologia, que operam, ao lidar com os limites, com noções como doença, patologia, anomia, perversão etc. Ao imprimir uma ênfase histórico-cultural, Foucault tomou a sexualidade como dispositivo, ou melhor, como uma “construção social” composta por uma economia de poder articulada à emergência de uma nova instância de verdade do sujeito na modernidade. As abordagens antropológicas que seguiram essa perspectiva dão destaque ao conjunto de práticas, representações e atitudes relacionadas à constituição dos sujeitos e, como tal, particular a uma cultura, a uma sociedade e em um período histórico singular. Importante enfatizar que, além da trilha aberta por Foucault, as contribuições antropológicas sobre sexualidade têm estabelecido rica interlocução com as teorias feministas, outro campo relevante que, desde a década de 70, contesta a relação, tomada como natural, entre sexo e reprodução (Vance, 1984).

A programação detalhada e as formas de avaliação serão apresentadas aos matriculados no primeiro dia de aulas.

**BIBLIOGRAFIA (versão preliminar, sujeita a alterações):**

“Introdução” de Roberto Machado. In: *Microfísica do Poder* (Rio de Janeiro: Graal, 1979), coletânea de entrevistas e pequenos textos de Michel Foucault.

Michel Foucault “Corpo dos condenados”; “A ostentação dos suplícios”; “O panoptismo” do livro *Vigiar e Punir* (Petrópolis: Vozes, 1977).

François Ewald “Foucault, um pensamento sem compromissos”. In: *Foucault – a norma e o Direito* (Lisboa: Vega, 1993)

Michel Foucault “Genealogia e Poder”; “Soberania e disciplina”. In: *Microfísica do Poder*.

Michel Foucault *Em Defesa da Sociedade* (São Paulo: Martins Fontes, 1999) – aulas referentes à genealogia do poder. Ler especialmente aulas 1, 3 e 11.

François Ewald “Anatomia e corpos políticos”. In: *Foucault – a norma e o Direito* (Lisboa: Vega, 1993)

Michel Foucault *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber* (Rio de Janeiro: Graal, 1980). Capítulos 1, 2, 3 e 4.

Gilles Deleuze “What is a dispositif”. In: T. Armstrong (Ed) *Michel Foucault Philosopher* (New York: Routledge, 1992)

Gilles Deleuze *Foucault* (captos ainda a definir)

Michel Foucault “Direito de morte e poder sobre a vida”. In: *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber*.





Paul Rabinow e Hubert Dreyfus *Foucault – Uma Trajetória filosófica para além do Estruturalismo e da Hermenêutica* (São Paulo: Forense Universitária, 1995).

Paul Rabinow e Nicholas Rose “Sobre o conceito de biopoder”.

Josefina Fernandez “Foucault: Marido ou Amante? Algumas tensiones entre Foucault y el feminismo”. In: *Estudos Feministas* vol.8 n.2/2000 p.127-149.

Michel Foucault “O verdadeiro sexo”. In: *Herculine Barbin – O Diário de um Hermafrodita* (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983).

Judith Butler “Bodily Inscriptions, Performative Subversion”. In: *Gender Trouble – Feminism and the Subversion of Identity* (New York, London: Routledge, 1990)

Judith Butler “La vida psíquica del poder. Teorías de La sujeción. Introducción” In: *Feminaria* (Buenos Aires: n. 22/23, 1999)

Beatriz Preciado *Testo Yonqui* (Espasa Calpe, 2008) Capto de crítica à Butler, a definir Judith Butler “Gender Regulations”. In: *Undoing Gender* (New York, London: Routledge, 2004).

Judith Butler “Violence, Mourning, Politics”. In: *Precarious Life – The Powers of Mourning and Violence* (New York: Verso, 2004)

Judith Butler “Introduction: Precarious Life, Grievable Life”. In: *Frames of War – When Is Life Grievable* (New York: Verso, 2009).

Henrietta Moore “The problem of explaining violence in the Social Sciences”. In: Peter Gow e P. Harvey (eds) *Sex and Violence – Issues in Representation and Experience*. (New York: Routledge, 1994).

Teresa de Lauretis “The Violence of Rethoric”. In: Michaela di Leonardo e Roger Lancaster (eds) *The Gender /Sexuality Reader – Culture, History, Political Economy*. (New York: Routledge, 1997).

Veena Das. “Violence, Gender and Subjectivity”. *Annual Review of Anthropology*, 37. 2008. pp. 283-99.

Veena Das. 1: “The event and the everyday; 3. Language and body In: *Life and Words: Violence and the descent into the ordinary*. (Berkeley: University of California Press, 2007).

Veena Das. “4. The act of witnessing: violence, gender and subjectivity; 5. Boundaries, violence and the work of time” In: *Life and Words: Violence and the descent into the ordinary*. (Berkeley: University of California Press, 2007).

Michael Taussig “Cultura do terror, espaço da morte”; “De Casement a Grey”; “A economia do terror”. In: *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem. Um estudo sobre o terror e a cura*. (São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993).



Grace M. Cho. "Introduction: The fabric of Erasure"; "2. A genealogy of trauma". In: *Haunting the Korean Diaspora: Shame, secrecy and the forgotten war*. (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008)